

CAPÍTULO 10

GRAMÁTICA COGNITIVA E ESTRUTURA DAS LÍNGUAS DE SINAIS: CONCEPTUALIZAÇÃO, ICONICIDADE E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM LIBRAS



<https://doi.org/10.68044/y8hkhz721>

Gerson Ramalho Junior¹

Mestre em letras pela PPGL da Universidade Federal da Paraíba-UFPB servidor docente da Universidade Federal de Campina Grande- UFCG.



RESUMO: Este artigo analisa a Gramática Cognitiva aplicada à estrutura das línguas de sinais, com ênfase na Língua Brasileira de Sinais (Libras), discutindo os processos de conceptualização, iconicidade, corporificação e construção de sentidos. Trata-se de pesquisa bibliográfica, qualitativa, fundamentada em estudos sobre Linguística Cognitiva, semântica, formação lexical, metáfora e metonímia conceptuais, esquemas imagéticos, classificadores e terminologia em Libras. A análise evidencia que a organização gramatical da língua sinalizada não se reduz à descrição formal de parâmetros, pois articula corpo, espaço, percepção visual, experiência sociocultural e convenções linguísticas. A iconicidade é compreendida como fenômeno graduado e convencionalizado, relacionado, mas não oposto, à arbitrariedade. Os dados discutidos mostram que movimentos, orientações, configurações de mão e expressões não manuais podem participar de mapeamentos conceptuais que estruturam ações, emoções, tempo e conceitos técnicos em diferentes contextos comunicativos brasileiros. Conclui-se que a perspectiva cognitiva favorece uma descrição integrada entre forma, significado, experiência e uso na Libras.

Palavras-chave: Gramática Cognitiva; Libras; Conceptualização; Iconicidade.

INTRODUÇÃO

A descrição das línguas de sinais alcançou, nas últimas décadas, um nível de especialização que permite examinar sua organização para além da identificação de unidades formais. No caso da Língua Brasileira de Sinais (Libras), a análise linguística precisa considerar que a modalidade visuoespacial mobiliza mãos, face, corpo e espaço de sinalização em articulações simultâneas, convencionais e semanticamente estruturadas. Essa constatação é particularmente relevante quando se adota uma perspectiva cognitiva, segundo a qual forma e significado constituem dimensões interdependentes do conhecimento linguístico. Nessa abordagem, a gramática deixa de ser entendida apenas como um inventário de regras autônomas e passa a ser examinada como parte de um sistema simbólico associado à conceptualização, à experiência e ao uso. Nunes (2019a, p. 78) observa que diferentes línguas de sinais, embora possuam histórias e gramáticas próprias, podem estabelecer relações corporificadas e icônicas condicionadas pelo modo como a realidade é percebida e culturalmente organizada.

Os estudos selecionados para este artigo mostram que a Gramática Cognitiva e outras vertentes da Linguística Cognitiva oferecem instrumentos para relacionar parâmetros fonológicos, organização espacial, metáforas conceptuais, metonímias, esquemas imagéticos, formação lexical, classificadores e construção

terminológica. Araújo *et al.* (2026, p. 112-113), ao analisarem a estruturação da ação em Libras, sustentam que os parâmetros movimento, configuração e orientação podem funcionar como esquemas simbólicos que perfilam aspectos relevantes da experiência corporal. Os autores ainda destacam a simultaneidade expressiva da modalidade visuoespacial, capaz de articular em uma mesma configuração relações como agentividade, trajetória e causalidade. Assim, o estudo da gramática sinalizada exige considerar tanto a constituição formal das unidades quanto os processos conceptuais que as tornam significativas em situações de uso.

A iconicidade ocupa lugar central nesse debate. Durante muito tempo, a semelhança perceptível entre certos sinais e aspectos de seus referentes foi utilizada de modo equivocado para questionar a natureza linguística das línguas de sinais. A literatura contemporânea, entretanto, demonstra que iconicidade e arbitrariedade não formam uma oposição absoluta. Bidarra e Constâncio (2020, p. 26) descrevem esses fenômenos em um continuum e mostram que sinais inicialmente fortemente motivados podem tornar-se menos transparentes ao longo do tempo, à medida que as convenções linguísticas se estabilizam e as condições históricas que sustentavam determinada motivação deixam de ser evidentes. A iconicidade, portanto, deve ser tratada como um recurso possível de organização entre forma e conteúdo, e não como prova de ausência de gramática.

A formação e a expansão lexical constituem outro campo em que a interação entre cognição e gramática se torna visível. Carneiro (2017, p. 104-106) relaciona experiência corporal, informação visual e ampliação lexical da Libras; Xavier e Santos (2017, p. 60-89) analisam a criação de termos técnicos por meio dos processos de seleção imagética, esquematização e codificação; Xavier e Ferreira (2021, p. 349-378) discutem a iconicidade em processos morfológicos e na criação de sinais; e Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 379-393) mostram que sinais-termo em saúde e biossegurança articulam mecanismos gramaticais, socioculturais e cognitivos. Em conjunto, tais trabalhos impedem que se compreenda a gramática como dimensão separada do léxico, da cultura e da experiência.

Diante desse quadro, o objetivo deste artigo é discutir como a Gramática Cognitiva pode contribuir para a compreensão da estrutura das línguas de sinais, com ênfase na Libras, examinando os vínculos entre conceptualização, corporificação, iconicidade, convencionalidade e construção de sentidos. Trata-se de pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter teórico-analítico, constituída a partir dos artigos fornecidos como corpus de estudo. A discussão foi organizada em eixos que abrangem fundamentos cognitivos, modalidade visuoespacial, iconicidade e arbitrariedade, metáfora e metonímia, esquemas imagéticos, estruturação de ações e tempo, formação lexical, classificadores, reconhecimento lexical e

produção terminológica. Busca-se, assim, demonstrar que a descrição da Libras se torna mais consistente quando forma, significado, corpo, espaço e experiência sociocultural são considerados dimensões articuladas de um mesmo sistema linguístico.

REFERENCIAL TEÓRICO

Gramática Cognitiva, conceptualização e corporificação

A Gramática Cognitiva integra o amplo campo da Linguística Cognitiva e parte do princípio de que o conhecimento linguístico não constitui um módulo isolado das demais capacidades cognitivas. Nessa perspectiva, estruturas gramaticais são unidades simbólicas que vinculam polos de forma e significado, e a descrição linguística deve explicar como os falantes ou sinalizantes conceptualizam uma cena, selecionam aspectos de uma experiência e os organizam para fins comunicativos. Essa compreensão é compatível com a análise das línguas de sinais porque o espaço, o corpo e os movimentos não são meros suportes físicos de uma mensagem abstrata: eles integram a própria realização linguística e podem ser recrutados para perfilar relações semânticas. Nunes (2019a, p. 80-81) situa a iconicidade cognitiva no interior dessa tradição e mostra que corporificação, metáfora, metonímia e esquemas imagéticos podem participar da constituição de sinais.

O conceito de conceptualização ocupa posição central. Santos (2017, p. 420) entende o significado como resultado de conceptualizações construídas a partir da exposição ao mundo e da interação com ele. Desse modo, a unidade linguística não deve ser tratada como recipiente que contém um significado fixo, mas como uma instrução convencional que orienta a construção de uma interpretação em determinado contexto. Essa formulação permite compreender por que sinais com configuração formal semelhante podem assumir valores distintos em redes semânticas diferentes e porque sinais relacionados a domínios abstratos podem conservar vínculos com experiências perceptivas e corporais. A conceptualização é, portanto, processual, situada e dependente do conhecimento compartilhado entre os participantes da interação.

Em consequência de sua vasta abrangência, a Linguística Cognitiva proporcionou um arcabouço teórico muito extenso, onde os estudos em línguas de sinais também encontram condições especialmente favoráveis para reflexões de fenômenos antes enigmáticos, vagos, ininteligíveis ou mesmo inexplorados pelas pesquisas. Neste trabalho, que é apenas um recorte adaptado de minha dissertação de mestrado, eu apresento e explico alguns fenômenos da Língua Brasileira de Sinais (Libras), um deles está relacionado com a iconicidade, onde a comunidade surda brasileira, baseada em suas experiências corpóreo-culturais, fez surgir o que chamo de sinais icônicos metaforizados (Santos, 2017, p. 420).

A corporificação constitui a base experiencial dessa análise. Sessa e Bernardo (2022, p. 184) afirmam que a Linguística Cognitiva adota uma visão experiencialista em que a natureza orgânica influencia a experiência de mundo refletida no uso da língua. As autoras ressaltam que o corpo participa de como se pensa, percebe e organiza a gramática, mas também alertam que a conceptualização não é exclusivamente corporal: inclui experiências cotidianas, interação discursiva e conhecimento de mundo. Essa ampliação evita explicações biologizantes ou universais excessivamente rígidas, pois reconhece que a experiência corporal é interpretada em contextos sociais e culturais específicos.

Ao sintetizar esse fundamento, Ferrari (2011, p. 21 *apud* Sessa; Bernardo, 2022, p. 184) sustenta que a mente humana não pode ser investigada separadamente do corpo, porque experiência, cognição e realidade se ancoram corporalmente. Como a obra de Ferrari não integra o corpus primário aqui analisado, sua formulação é recuperada por meio da citação apresentada por Sessa e Bernardo. Esse procedimento é relevante para marcar a distinção entre fonte direta e fonte mediada, ao mesmo tempo em que reforça o ponto teórico segundo o qual a linguagem emerge da interação entre capacidades cognitivas, experiência perceptivo-motora e práticas sociais.

Essa integração entre experiência e sistema não elimina a necessidade de descrição rigorosa. Ao contrário, exige atenção aos

parâmetros que distinguem sinais, às restrições de combinação, às propriedades morfológicas e sintáticas e aos efeitos semânticos das construções. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 384-385) observam que a gramaticalidade da Libras envolve tanto a estrutura dos sinais quanto ordem de constituintes, movimentos, ritmos e marcas não manuais. Sob a ótica cognitiva, tais recursos podem ser investigados como formas convencionais de perfilar eventos e relações. Assim, a Gramática Cognitiva não substitui a análise estrutural; ela amplia a pergunta, procurando explicar por que determinadas estruturas são semanticamente motivadas e como se vinculam à experiência dos usuários.

Modalidade visuoespacial e estrutura simbólica da Libras

A modalidade de produção e percepção é um dos elementos que diferenciam a materialização das línguas sinalizadas e faladas. Na Libras, a percepção visual acompanha movimentos de mãos, braços, cabeça, tronco e face, além da ocupação e da organização do espaço. Essa característica favorece a simultaneidade de informações e oferece recursos para a indexação de referentes, para a representação de trajetórias e para a expressão de relações espaciais. Xavier e Ferreira (2021, p. 350) ressaltam que as línguas de sinais são gestuais-visuais e, por isso, seus constituintes exploram o corpo e o espaço de maneira distinta das línguas de modalidade oral-auditiva. A diferença de

modalidade, contudo, não altera o estatuto linguístico dessas línguas; ela modifica os recursos preferencialmente disponíveis para a codificação.

Pensando nessas ações relacionadas ao corpo, busca-se analisar como diferentes línguas de sinais podem estabelecer relações corporificadas e icônicas de acordo com a maneira em que a realidade é retratada em determinada cultura. Em outras palavras, a percepção visual é expressa no polo fonológico em línguas visuoespaciais através de fenômenos linguístico-cognitivos (corporificação, metáforas, metonímias, esquemas imagéticos e iconicidade cognitiva). (Nunes, 2019a, p. 78).

A articulação entre percepção visual e polo fonológico permite compreender por que elementos considerados tradicionalmente formais também podem contribuir para a construção de sentidos. Nunes (2019b, p. 29-37), ao estudar o parâmetro orientação, demonstra que variações na orientação das mãos podem participar de estruturas metafóricas e esquemas imagéticos. Isso não significa atribuir um significado autônomo a cada orientação, mas reconhecer que, em determinadas construções, o contraste formal participa da organização conceptual. O fenômeno ilustra um princípio importante da Gramática Cognitiva: as escolhas formais não são necessariamente semanticamente vazias; muitas delas integram pareamentos simbólicos que se estabilizam convencionalmente.

Araújo et al. (2026, p. 112-117) avançam nessa direção ao propor que movimento, configuração de mão e orientação podem funcionar como esquemas simbólicos capazes de perfilar aspectos salientes da experiência incorporada. Na estruturação da ação, por exemplo, um movimento pode tornar visível uma trajetória; a direção pode contribuir para a identificação de fonte e meta; a configuração de mão pode categorizar participantes ou salientar propriedades da entidade envolvida. A simultaneidade da Libras também permite condensar informações que, em línguas lineares, poderiam depender de sequências maiores. A gramática, nessa perspectiva, é um sistema de escolhas convencionais para representar uma cena de determinada maneira.

A modalidade visuoespacial deve, portanto, ser entendida como condição material que interage com processos cognitivos e convenções linguísticas. Ela favorece certos tipos de iconicidade, de representação espacial e de simultaneidade, mas não determina um único modo de conceptualizar. A estrutura simbólica da Libras emerge da exploração historicamente convencionalizada desses recursos. É essa integração que permite abordar fonologia, morfologia, léxico, sintaxe e semântica sem separá-los de forma absoluta, ao mesmo tempo em que se preserva a especificidade de cada nível de análise.

Iconicidade, arbitrariedade e convencionalização

Bidarra e Constâncio (2020, p. 21-26) mostram que a oposição rígida entre arbitrariedade e iconicidade não descreve adequadamente os itens lexicais da Libras. Os autores propõem compreender esses fenômenos de forma gradual: um sinal pode ter sido criado a partir de uma motivação reconhecível em certo momento histórico e, posteriormente, tornar-se menos transparente para usuários que não compartilham mais o contexto que sustentava a associação original. O exemplo histórico analisado no artigo demonstra que a permanência formal de um sinal não garante a permanência de sua motivação para os usuários atuais. A arbitrariedade, nesse sentido, não é ausência absoluta de motivação, mas resultado de convencionalização e de mudanças na relação entre forma, experiência e conhecimento cultural.

Pereira e Limberti (2019, p. 166-168) chegam a conclusão convergente ao observar que a iconicidade depende de convenção e contexto. Comunidades distintas podem escolher aspectos diferentes de um mesmo referente para formar sinais, o que explica por que sinais para uma mesma entidade não precisam compartilhar a mesma forma entre Libras, ASL ou LSF. A comparação entre línguas de sinais, portanto, é um argumento contra a ideia de que a iconicidade produz sinais universais. Ela evidencia, ao contrário, a seleção culturalmente

situada de aspectos salientes e o papel das convenções na estabilização dos itens lexicais.

Carneiro (2017, p. 106) afirma que o caráter icônico das línguas de sinais pode possibilitar “uma relação mais transparente entre forma e significado”. A formulação deve ser entendida em termos graduais: maior transparência não equivale a inteligibilidade automática. Um sinal pode apresentar uma motivação visual acessível e, ainda assim, exigir conhecimento da língua para ser reconhecido como unidade lexical, para ser empregado em uma construção e para ser interpretado em diferentes sentidos. A transparência também pode variar entre usuários, conforme experiência cultural, familiaridade com o referente e conhecimento da história de uma forma linguística.

Essa diferença entre motivação e reconhecimento é reforçada por Silva, Pires, Sanchez-Mendes e Kenedy (2019, p. 141-160), que investigam experimentalmente o papel da iconicidade no reconhecimento lexical. Os resultados indicam que a familiaridade e a iconicidade podem favorecer determinadas interpretações por participantes não sinalizantes, mas o estudo mantém uma distinção fundamental entre sinal linguístico e gesto. O fato de um item ser mais facilmente associado a uma imagem não o retira da rede lexical da Libras, nem permite reduzir seu funcionamento a uma relação de semelhança visual. O reconhecimento lexical depende de propriedades linguísticas, de experiência e de condições de processamento.

A análise de Xavier e Ferreira (2021, p. 377-378) também mostra que a iconicidade pode ser examinada em diferentes magnitudes estruturais, não se limitando à palavra ou ao sinal simples. Processos morfológicos, composição e criação toponímica podem combinar unidades fonológicas e dimensões imagéticas de maneiras complexas. Essa constatação é importante para o estudo gramatical porque impede que a iconicidade seja confinada a uma curiosidade lexical: ela pode participar de processos de formação de sinais e interagir com restrições estruturais do sistema. Por isso, uma abordagem cognitiva da Libras deve examinar ao mesmo tempo a motivação perceptual e a organização convencional que torna a forma produtiva na língua.

Metáfora conceptual, metonímia e esquemas imagéticos

A metáfora conceptual, a metonímia conceptual e os esquemas imagéticos são mecanismos fundamentais para explicar como experiências concretas podem estruturar a compreensão de domínios menos diretamente perceptíveis. Na Linguística Cognitiva, a metáfora não é tratada apenas como recurso estilístico. Ela corresponde a um mapeamento sistemático entre domínios, pelo qual um domínio mais acessível da experiência fornece estrutura para a compreensão de outro. Sessa e Bernardo (2022, p. 185) explicam que o conceptualizador compreende um domínio-alvo em termos de um

domínio-fonte, e que essa operação depende das experiências e do contexto. Nas línguas de sinais, os mapeamentos podem ser realizados em formas visualmente espacializadas, tornando mais evidente a conexão entre organização corporal e conceptualização.

Os esquemas imagéticos, por sua vez, são estruturas recorrentes derivadas da experiência sensório-motora. Relações como CONTÊINER, FONTE-CAMINHO-META, FORÇA, ESCALA, CIMA-BAIXO e CENTRO-PERIFERIA não são imagens detalhadas, mas padrões esquemáticos que organizam experiências e podem sustentar múltiplas conceptualizações. Sessa e Bernardo (2022, p. 185) observam que tais esquemas se formam a partir de situações recorrentes de interação com o ambiente e de manipulação de objetos. Por serem esquemáticos, podem ser projetados para domínios diversos, inclusive conceitos abstratos como tempo, emoção, estado e mudança.

Nunes (2019b, p. 29-37) demonstra essa produtividade ao estudar o parâmetro orientação em Libras. A análise identifica relações entre metáforas como BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO e o esquema ESCALA, além da associação entre TEMPO É CICLO e o esquema CICLO. O ponto decisivo não está apenas em localizar um movimento ou uma orientação, mas em compreender como a configuração formal participa de uma rede conceptual que

atribui saliência a certas relações. Assim, o parâmetro fonológico deixa de ser visto como componente semântico por si só e passa a ser analisado como parte de uma construção simbólica maior.

Na conceptualização temporal, Sessa e Bernardo (2022, p. 183-198) identificam as metáforas PASSADO É PARA TRÁS, FUTURO É PARA FRENTE, PRESENTE É LOCUS e VIDA É JORNADA. Essas relações evidenciam a importância do eixo corporal e da direção espacial na organização de conceitos temporais. As autoras distinguem o TEMPO como conceito cognitivo da marcação gramatical de tempo e observam que, na Libras, a referência temporal é frequentemente estabelecida por advérbios que acompanham o verbo. Essa distinção é essencial: uma metáfora espacial para tempo não equivale a uma regra morfológica de flexão verbal, mas integra o conjunto de recursos conceituais por meio dos quais experiências temporais podem ser linguisticamente estruturadas.

Assim, o uso das línguas revela a constituição do pensamento dos indivíduos em um ambiente social, a partir de suas experiências, sejam intrínsecas ou extrínsecas, de base corporal ou social. Todas fazem parte do processo conceptual. A própria criação de significado metafórico, por exemplo, depende de encontrar o contexto ideal em que o uso de uma metáfora particular possa ser interpretado corretamente. Isso porque uma metáfora pode fazer sentido em determinado contexto e não em outro, necessitando de uma base compartilhada entre o emissor e o receptor da mensagem para que tenham êxito na comunicação. (Sessa; Bernardo, 2022, p. 185).

A metonímia conceptual complementa essa análise ao operar por contiguidade dentro de um domínio. Em sinais relacionados às emoções, Sessa e Bernardo (2021, p. 180-189) identificam projeções como EXPRESSÃO NÃO MANUAL POR EMOÇÃO, INTENSIDADE/DIREÇÃO DE MOVIMENTO POR EMOÇÃO, CONTATO POR EMOÇÃO e CONTENÇÃO POR EMOÇÃO. Essas relações mostram que parâmetros formais podem selecionar aspectos experiencialmente associados ao conceito e contribuir para sua construção. Expressões não manuais, movimentos e pontos de articulação não funcionam apenas como adornos; em determinadas unidades, integram o perfil conceptual convencionado pela língua.

As autoras relacionam essas metonímias a esquemas de ESPAÇO, CONTENÇÃO e UNIDADE/MULTIPLICIDADE, evidenciando que a parte superior do corpo pode ser conceptualizada como um contêiner em certos sinais de emoção (Sessa; Bernardo, 2021, p. 189). Esse tipo de análise é relevante porque demonstra que a organização visuoespacial não corresponde a uma iconicidade simples baseada na aparência do referente. Emoções não possuem forma visual direta, mas podem ser conceptualizadas por meio de experiências corporais, sensações internas, movimentos e convenções culturais. O sinal materializa uma solução linguística para tornar acessível um domínio abstrato.

Estruturação gramatical de ações, emoções e tempo

A estruturação da ação constitui um domínio privilegiado para observar a interface entre gramática e conceptualização. Araújo et al. (2026, p. 112-125) analisam sinais de ação a partir de esquemas como FONTE-CAMINHO-META e FORÇA, da metáfora VIDA É MOVIMENTO e da categorização prototípica. A proposta dos autores é que a iconicidade não seja tratada como reprodução mimética, mas como princípio que pode participar da estruturação cognitiva de construções. Movimento, configuração de mão e orientação perfilam aspectos de eventos, enquanto a simultaneidade permite integrar informações sobre agente, trajetória, causalidade e resultado.

A expressão de emoções evidencia outra forma de integração. Nos sinais adjetivos estudados por Sessa e Bernardo (2021, p. 180-200), componentes manuais e não manuais podem convergir para perfilar intensidade, direção, contato e contenção. Essa simultaneidade mostra que a gramática visuoespacial distribui informação por diferentes articuladores. A expressão facial pode integrar a unidade lexical ou assumir função gramatical em outros contextos, motivo pelo qual a análise deve observar a construção como um todo. A modalidade permite que diferentes dimensões sejam expressas concomitantemente, mas sua interpretação depende da convenção e da organização sintagmática da língua.

A conceptualização do tempo oferece um contraste útil entre semântica cognitiva e gramática formal. Sessa e Bernardo (2022, p. 184) assinalam que a marcação temporal na Libras ocorre predominantemente por advérbios que acompanham o verbo, enquanto os sinais de PASSADO, PRESENTE e FUTURO podem ser investigados como conceitos cognitivo-conceptuais. Essa separação evita confundir a espacialização metafórica do tempo com um sistema morfológico de tempo verbal. Ao mesmo tempo, mostra que as formas usadas para referir experiências temporais podem refletir esquemas espaciais corporificados, como frente/trás e percurso.

Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 384-393) reforçam a necessidade de integrar os diferentes níveis de análise. Os autores discutem que a gramaticalidade da Libras não se restringe à forma isolada do sinal, pois envolve ordem de constituintes, marcas não manuais, alteração de movimentos e relações espaciais. Ao mesmo tempo, a descrição de sinais-termo técnicos evidencia que mecanismos gramaticais interagem com processos lexicais e conceptuais. Um termo precisa funcionar na língua, respeitar possibilidades fonológicas e morfológicas e ser compreensível em uma comunidade de prática. Portanto, a estrutura gramatical não pode ser avaliada fora do sistema simbólico em que a unidade circula.

Esses três domínios - ação, emoção e tempo - demonstram que uma análise cognitiva da Libras não é sinônimo de análise

exclusivamente semântica. O objetivo é examinar como a gramática organiza perspectivas conceptuais. A ação evidencia trajetórias e forças; a emoção mobiliza corpo, expressões e contiguidade metonímica; o tempo revela relações espaciais e marcas discursivas. Em todos os casos, a modalidade visuoespacial disponibiliza recursos que se tornam linguísticos por meio de convencionalização. A construção de sentidos emerge, assim, da articulação entre restrições estruturais, escolhas simbólicas e experiências compartilhadas.

Formação lexical, morfologia e criação de sinais-termo

Xavier e Santos (2017, p. 60-103) analisam a criação de termos técnicos para o mosquito *Aedes aegypti* e vírus a ele relacionados. Com base no modelo de construção analógica, os autores descrevem três momentos: seleção imagética, esquematização e codificação. A seleção elege aspectos do conceito a serem representados; a esquematização reduz a riqueza perceptual a relações estruturais relevantes; a codificação procura recursos fonológicos adequados para realizar linguisticamente o esquema. Os dados mostram que imagens e explicações científicas influenciaram a seleção de propriedades, enquanto fatores articulatórios e perceptuais condicionaram as formas produzidas. Isso demonstra que a iconicidade é construída, e não simplesmente copiada do referente.

A mesma lógica pode ser observada no estudo morfológico de Xavier e Ferreira (2021, p. 349-382), que reúne 96 formações lexicais da Libras e discute processos como alteração de parâmetros, composição e criação de topônimos. O trabalho é especialmente relevante porque conecta a iconicidade a processos tradicionalmente estudados pela morfologia. Em vez de considerar a motivação visual como elemento externo ao sistema, os autores examinam como ela interage com configurações de mão, movimentos, localizações e combinações já disponíveis na língua.

O modelo de construção analógica de Taub (2001) nos parece ser uma boa alternativa para explicar a iconicidade linguística, uma vez que, em primeiro lugar, ele se assenta na hipótese de que tal fenômeno decorre de um princípio linguístico universal, logo, independente da modalidade de produção e percepção das línguas. Nessa perspectiva, as diferentes modalidades linguísticas são relevantes apenas para explicar a exploração de uma dimensão dos conceitos em detrimento de outras na criação de itens icônicos. Conforme explica Taub, nas línguas orais a iconicidade tende a mimetizar aspectos sonoros associados aos conceitos que expressam, ao passo que nas línguas de sinais ela mimetiza aspectos visuais e motores vinculados aos mesmos (Xavier; Ferreira, 2021, p. 377).

Xavier e Ferreira (2021, p. 377-378) exemplificam o processo com sinais em que configurações de mão e movimentos foram selecionados para representar propriedades de entidades. A escolha de um articulador não decorre de semelhança absoluta, mas de sua

capacidade de representar, de maneira esquematizada, uma relação relevante. Em criações toponímicas, o processo pode combinar dimensões visuais e motoras e recorrer também à inicialização ou à soletração manual. A formação lexical, portanto, mobiliza diferentes estratégias, algumas mais icônicas, outras mais arbitrárias, todas sujeitas à gramática e à convenção.

Os sinais-termo científicos acrescentam uma dimensão socioterminológica. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 379-397) defendem que a definição e o registro de um sinal-termo não podem se limitar à descrição de seus parâmetros. É necessário considerar o conceito especializado, a experiência sensório-motora, o contexto sociocultural, a validação pela comunidade e formas multimodais de registro. A terminologia em Libras torna visível a interface entre gramática, cognição e circulação social do conhecimento: um termo precisa ser formalmente possível, conceitualmente preciso e socialmente compartilhável.

Albres (2025, p. 215-229) aproxima essa discussão dos Estudos da Tradução ao analisar criação social e ampliação terminológica em processos de tradução do português para Libras. A autora destaca o emprego de mapeamentos mentais e o papel da iconicidade na elaboração de sinais-termo conceituais. A tradução de um conceito especializado não consiste em substituir uma palavra portuguesa por um gesto; envolve reconstruir relações conceituais na

língua-alvo e selecionar formas que possam integrar o léxico e o discurso da Libras. Essa perspectiva reforça a autonomia da língua sinalizada e a necessidade de participação da comunidade surda na consolidação terminológica.

A ampliação lexical mostra, em síntese, que forma, significado e uso são inseparáveis. Uma inovação pode surgir de uma imagem, de uma analogia, de uma composição ou de um elemento da escrita do português, mas sua permanência depende de integração ao sistema e de circulação entre usuários. A Gramática Cognitiva é útil porque permite descrever a motivação sem confundi-la com causalidade obrigatória. A existência de uma experiência visual ou corporal não determina uma única forma possível; ela oferece material conceptual que pode ser selecionado, esquematizado e convencionalizado de maneiras distintas.

Classificadores, organização espacial e reconhecimento lexical

Os classificadores constituem outro ponto de encontro entre iconicidade, gramática e espaço. Pereira e Limberti (2019, p. 162-177) discutem a relação entre classificadores e iconicidade em Libras, destacando que certas configurações podem representar propriedades de entidades, formas ou modos de manipulação. Em construções desse tipo, o espaço de sinalização pode ser utilizado para representar relações espaciais e movimentos, tornando perceptível uma

correspondência entre a estrutura da cena conceptualizada e a realização linguística. Contudo, a interpretação do classificador depende das convenções da língua e do contexto enunciativo; não se trata de um desenho livre no ar.

O reconhecimento lexical investigado por Silva, Pires, Sanchez-Mendes e Kenedy (2019, p. 141-160) oferece uma perspectiva complementar. O experimento apresentado pelos autores compara sinais, gestos, familiaridade e iconicidade, demonstrando que a motivação visual pode facilitar associações por não sinalizantes. Entretanto, essa facilitação não elimina a diferença entre conhecer a associação visual e possuir competência linguística em Libras. Reconhecer aproximadamente um significado não equivale a dominar a distribuição sintática, as relações semânticas, as variações ou os usos pragmáticos de um sinal.

Esse ponto é crucial para uma teoria da gramática baseada no uso. A experiência recorrente e a frequência podem fortalecer associações entre formas e funções, ao mesmo tempo em que a convencionalização torna certas relações menos transparentes para quem está fora da comunidade. Um classificador ou uma trajetória pode parecer intuitivo em um contexto, mas sua integração a padrões gramaticais exige aprendizagem. Assim, a visualidade não torna a Libras universal nem imediatamente acessível; ela constitui uma modalidade com recursos específicos, organizados linguisticamente.

A organização espacial, por sua vez, demonstra a capacidade da língua de criar referências abstratas a partir de loci convencionais. Francisco, Bourguignon e Castro Júnior (2025, p. 390-392) descrevem como o corpo e o espaço podem estruturar conceitos de interior/exterior, proteção e ameaça em sinais técnicos. Em nível discursivo, o espaço também permite estabelecer pontos de referência e retomar participantes. A Gramática Cognitiva interpreta esses usos como construções simbólicas em que relações espaciais concretas podem sustentar relações conceptuais mais abstratas, sempre dentro das possibilidades e convenções da língua.

Cognição, tradução e construção de sentidos em Libras

A construção de sentidos em Libras não se encerra na descrição do sinal isolado. O significado emerge da integração entre unidades lexicais, estruturas gramaticais, espaço discursivo, conhecimento de mundo e práticas sociais. Albres (2025, p. 215-229) demonstra essa complexidade no campo da tradução: a elaboração de sinais-termo envolve compreender o conceito de partida, reconstruí-lo no sistema conceptual da Libras e avaliar formas capazes de circular socialmente. Esse trabalho evidencia que a tradução entre português e Libras não é mera transposição de rótulos, mas atividade cognitiva e linguística que envolve escolhas de perspectiva.

Nunes (2019a, p. 77-86) acrescenta que a análise comparativa de diferentes línguas de sinais pode revelar relações corporificadas sem apagar a diversidade linguística e cultural. Sinais equivalentes não precisam mobilizar a mesma configuração, o mesmo movimento ou a mesma parte do corpo. A experiência humana oferece potenciais recorrentes, mas cada língua seleciona e convencionaliza recursos de acordo com sua história. Esse equilíbrio entre tendências cognitivas e especificidade cultural é uma das contribuições mais relevantes da perspectiva cognitiva para os estudos das línguas de sinais.

A construção de sentidos também depende de processos de categorização. Araújo *et al.* (2026, p. 112-125) relacionam sinais de ação à categorização prototípica, sugerindo que categorias linguísticas não precisam ser definidas apenas por fronteiras rígidas e traços necessários. Membros mais centrais e extensões motivadas podem formar redes de significado. Essa concepção é compatível com a polissemia e com usos metafóricos, pois permite compreender como novas acepções se relacionam a padrões já convencionalizados sem pressupor homonímia em todos os casos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite afirmar que a Gramática Cognitiva oferece um quadro teórico consistente para articular estrutura e significado nas línguas de sinais, especialmente na Libras.

Ao compreender a gramática como sistema simbólico, torna-se possível investigar parâmetros fonológicos, construções espaciais, processos morfológicos e unidades lexicais em relação aos modos de conceptualização mobilizados pelos usuários. Essa perspectiva não elimina a análise formal; ao contrário, atribui a ela uma dimensão explicativa adicional, perguntando como escolhas de configuração, movimento, orientação, localização e expressões não manuais participam do perfilamento de cenas, eventos e conceitos.

A iconicidade deve ser compreendida dentro desse mesmo equilíbrio. Ela não é imitação, pantomima nem ausência de arbitrariedade. Os trabalhos de Bidarra e Constâncio (2020), Pereira e Limberti (2019), Carneiro (2017), Silva, Pires, Sanchez-Mendes e Kenedy (2019), Xavier e Santos (2017) e Xavier e Ferreira (2021) demonstram que motivação visual, esquematização, convencionalidade e mudança histórica podem coexistir. Um sinal pode conservar uma relação perceptível com o referente e, ao mesmo tempo, depender do conhecimento da Libras para ser reconhecido, combinado e interpretado. Também pode perder transparência ao longo do tempo, embora sua forma permaneça estável.

Do ponto de vista da estrutura gramatical, a análise das ações proposta por Araújo et al. (2026) evidencia que a simultaneidade e a espacialização permitem perfilar agentividade, trajetória e causalidade, enquanto os trabalhos sobre classificadores discutidos

por Pereira e Limberti (2019) mostram que configurações e movimentos podem representar classes de entidades e relações espaciais em construções reguladas linguisticamente. Tais fenômenos confirmam que as propriedades específicas da modalidade não constituem exceções à linguagem humana; são maneiras particulares de realizar funções gramaticais e semânticas por meio de recursos disponíveis à percepção visual e à ação corporal.

Conclui-se, portanto, que a construção de sentidos em Libras resulta da interação entre estrutura, conceptualização, experiência e uso. A Gramática Cognitiva contribui para superar dicotomias rígidas entre forma e significado, iconicidade e arbitrariedade, léxico e gramática, concreto e abstrato. Ao mesmo tempo, a análise deve evitar generalizações que tratem a visualidade como transparência ou universalidade. A Libras é uma língua histórica e culturalmente situada, cuja organização emerge de convenções compartilhadas e de processos cognitivos que se materializam na modalidade visuoespacial. Esse entendimento fortalece descrições linguísticas mais adequadas à especificidade da língua e oferece fundamentos para pesquisas futuras sobre gramática, semântica, terminologia, tradução e ensino de Libras.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. Estudos sobre a cognição e a tradução de Línguas de Sinais: criação social e ampliação terminológica.

Linguística, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 215-229, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68162>.

Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/68162>. Acesso em: 11 set. 2026.

ARAÚJO, Ramon Dias de; ESPINDOLA, Amarildo João; TOLEDO, Antonio Mateus; FABRICO, Rivaél Mateus; GIANOTTO, Adriano de Oliveira; BARBOSA, Daniel Cícero dos Santos. Como a ação é estruturada na Libras: um olhar da Linguística Cognitiva. **Revista Ilustração**, Santo Ângelo, v. 7, n. 3, p. 111-127, 2026. DOI: <https://doi.org/10.46550/ilustracao.v7i3.555>. Disponível em:

<https://journal.editorailustracao.com.br/index.php/ilustracao/article/view/555>. Acesso em: 11 set. 2026.

BIDARRA, Jorge; CONSTÂNCIO, Rosana de Fátima Janes. Arbitrariedade e iconicidade na constituição dos itens lexicais da Libras. **Línguas & Letras**, Cascavel, v. 20, n. 48, p. 21-31, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5935/1981-4755.20190030>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/23702>.

Acesso em: 11 set. 2026.

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 104-119, 2017. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201657.104-119>. Disponível em:

<https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/2840>. Acesso em: 11 set. 2026.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCISCO, Gildete da S. Amorim Mendes; BOURGUIGNON, Saulo Cabral; CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. Linguística cognitiva e estudos gramaticais da Libras: sinais técnicos em saúde e

biossegurança. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 379-397, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.31513/linguistica.2025.v21n2a68155>. Disponível em: <https://revistas.ufrrj.br/index.php/rl/article/view/68155>. Acesso em: 11 set. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Contribuições da Linguística Cognitiva para o estudo de línguas de sinais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 81, p. 77-86, set./dez. 2019a. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v44i81.13717>. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/13717>. Acesso em: 11 set. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, p. 29-37, jan./abr. 2019b. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v44i79.12832>. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/12832>. Acesso em: 11 set. 2026.

PEREIRA, Silvana Langhi Pellin; LIMBERTI, Rita de Cássia A. Pacheco. A relação entre a iconicidade e os classificadores na Língua Brasileira de Sinais. **Papéis**, Campo Grande, v. 23, n. 45, p. 162-177, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/papeis/article/view/6276>. Acesso em: 11 set. 2026.

SANTOS, Cristian. Ícones metaforizados e iconicidade em Libras. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 419-437, maio/ago. 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i2.8648382>. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648382>. Acesso em: 11 set. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Sinais adjetivos da Libras em uma abordagem cognitiva. **(Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 15, n. 32, p. 180-200, 2021.

DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v15i32.35890>. Disponível em: https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/pt_BR/article/view/35890. Acesso em: 11 set. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Conceptualização de sinais para tempo na Libras: metáfora e instrumentos linguísticos. **Revista do GELNE**, Natal, v. 24, n. 2, p. 183-198, dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2022v24n2ID29946>. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29946>. Acesso em: 11 set. 2026.

SILVA, Gladiston Alves da; PIRES, Gabriel Simonassi de Araújo; SANCHEZ-MENDES, Luciana; KENEDY, Eduardo. Iconicidade e reconhecimento lexical na Língua Brasileira de Sinais. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 9, n. 22, p. 141-160, 2019. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/percursos/pt_BR/article/view/26941. Acesso em: 11 set. 2026.

TAUB, Sarah F. Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: **Cambridge University Press**, 2001.

XAVIER, André Nogueira; FERREIRA, Daiane. A iconicidade em processos de formação de sinais da Libras. **Diadorim**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 349-382, jul./dez. 2021. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2021.v23n2a40803>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/40803>. Acesso em: 11 set. 2026.

XAVIER, André Nogueira; SANTOS, Thyago. A iconicidade na criação de termos técnicos em Libras. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 60-103, 2017. DOI: <https://doi.org/10.28998/2317-9945.201657.60-103>. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/revistaleitura/article/view/4069>. Acesso em: 11 set. 2026.